



Rota das Conheiras

sabia que?



Os «patos bravos» emigram para Sul no Inverno em formação em «V», as rotas são ensinadas de pais para filhos e não fazem parte da carga genética.

O Percurso inicia-se em Sobral Fernando. Atravesse a ponte sob a Ribeira da Fróia em direcção a Sobreira Formosa e um pouco mais à frente vire à esquerda para o caminho de terra e atravesse pequenas hortas e olivais rodeados de muros de pedra dos conhais. À esquerda, pode observar a primeira conheira (ver caixa) do percurso e à direita, saindo do trajecto por um caminho estreito, pode fazer um pequeno desvio e visitar as ruínas da antiga povoação de S'la Velha (ver caixa).

Ao Km 1,4 começa a subir por um pinhal intenso, mas que deixa vislumbrar, ao lado esquerdo, uma vista encantadora sobre as aldeias de Sobral Fernando e Foz do Cobrão.

O percurso continua a sua ascensão até alcançar o topo



_ Apiário nas proximidades do Açude do Vale das Pedras



_ Rio Ocreza

de uma pequena cordilheira, voltando depois a descer ao longo da crista. Serpenteie o monte e descubra os cortiços e colmeias alinhados, cobertos com lajes de xisto. A 200 metros do percurso pode avistar-se, à direita, o Açude e Azenha do Vale das Pedras, junto à Ribeira da Sarzedinha, em excelente estado de conservação e ainda em funcionamento. Abandone o percurso principal e faça-lhes uma visita. Mais à frente, lá em baixo, o percurso passa entre o rio e a ribeira bem junto às duas margens. Neste local, dê atenção à antiquíssima oliveira suportada por uma pequena construção de xisto. Uns metros mais à frente, siga em frente pela estrada de terra com a Ribeira da Sarzedinha à direita e o Ocreza à esquerda. Siga a ribeira até à foz e deleite-se com a paisagem sobre o vale e a ribeira que se espalha sobre o rio. Aqui, junto às margens, encontra o local ideal para descansar ou merendar. De regresso, apanhe o caminho que sobe o rio. Na Primavera, com sorte e muito

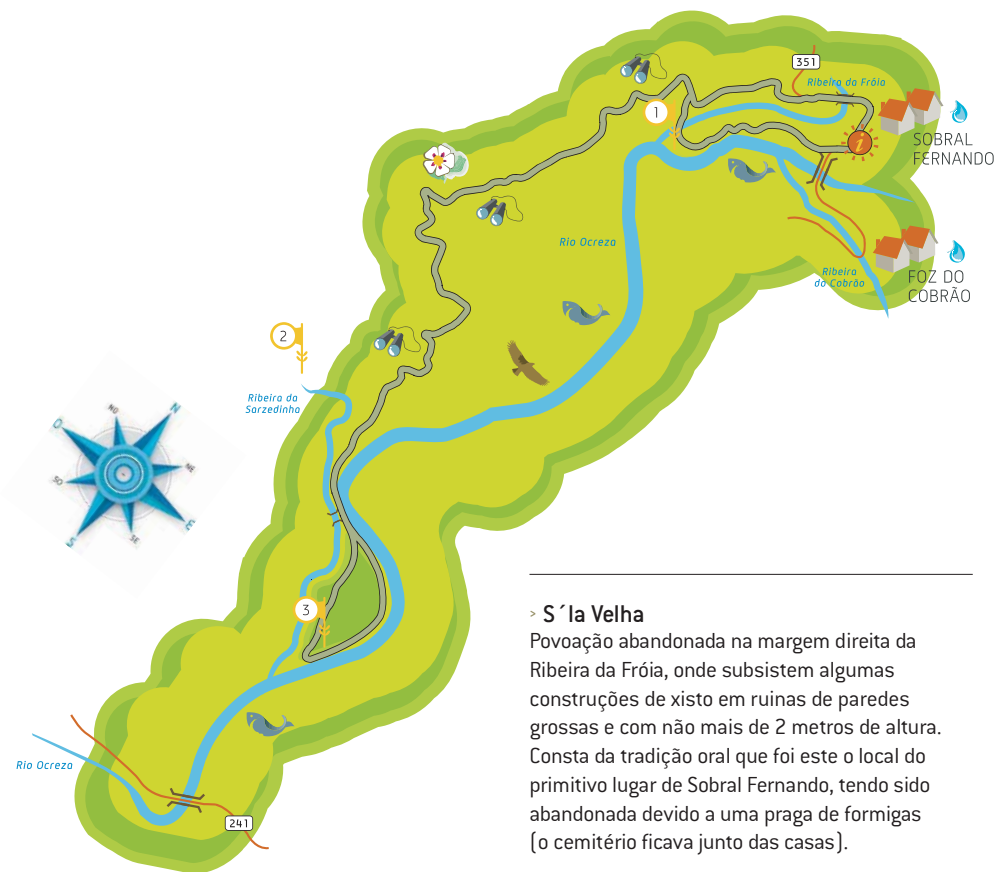


> Conheiras

Nas margens do Ocreza, ao longo de praticamente todo o percurso encontram-se diversas conheiras. São extensas escombrelas formadas por amontoados de seixos, testemunhando a extracção de ouro que terá decorrido nas épocas romana e medieval. D. João III terá mandado fazer um ceptro em ouro extraído desta zona, e Vasco da Gama uma cruz, mostrando aos venezianos que em Portugal havia metal mais precioso que o do Oriente. Ferro e prata são igualmente metais outrora explorados nas margens do Ocreza.

silêncio, podem avistar-se, nos pegos mais isolados, lontras em divertidos rituais de acasalamento, para além de garças cinzentas (ver caixa), patos bravos e corvos marinhos. Faça o caminho inverso até chegar perto da foz da Ribeira da Fróia. Atravesse-a e suba ao longo do Rio até encontrar a ponte que liga

os dois concelhos (à direita), de frente para as duas escarpas que escondem, a montante do Ocreza, uma das preciosidades mais bem guardadas de Proença-a-Nova: as portas do Vale do Almourão, parte integrante de dois outros percursos (PR2 e PR6) com partida, também, de Sobral Fernando.



> S'la Velha

Povoação abandonada na margem direita da Ribeira da Fróia, onde subsistem algumas construções de xisto em ruínas de paredes grossas e com não mais de 2 metros de altura. Consta da tradição oral que foi este o local do primitivo lugar de Sobral Fernando, tendo sido abandonada devido a uma praga de formigas [o cemitério ficava junto das casas].

PR3 _ principais pontos de interesse:



1, 3 _ Conheiras; 2 _ Azenha e Açude da Várzea das Pedras

PR3



> Garça Cinzenta

Da mesma família das cegonhas, é a garça mais abundante e difundida da Europa. Pode viver cerca de 25 anos. Os juvenis apresentam cores mais claras, dorso cinzento acastanhado e ventre branco raiado de negro. Atingem a maturidade aos dois anos de idade. Tem hábitos solitários, fora do período de nidificação. Muitas vezes partilha o habitat das cegonhas. Mantém-se imóvel à espera da sua presa que captura com o bico, fazendo um rápido movimento com a cabeça. Migra curtas distâncias, normalmente não mais do que 500 km, e muitos espécimes permanecem sedentários. Reproduzem-se de Fevereiro a Julho. Nidifica normalmente em colónias, em cima de árvores, perto da água.

> Cortelhões e Plingacheiros

Estes dois etnónimos marcaram territorialmente os habitantes de cada uma das margens do Ocreza nesta zona Sul da Beira Baixa. Na versão popular, eram designados por cortelhões os naturais do concelho de Proença-a-Nova que vinham, ciclicamente, trabalhar para Vila Velha de Ródão. Estes homens nas tabernas bebiam vinho por copos grandes, de meio-quartilho, o que não acontecia com os naturais da região de Ródão, que apenas bebiam vinho por copos pequenos. Este facto era sinónimo da maior virilidade e poder económico superior dos homens de Proença. Na Geografia de Portugal (Ribeiro, Lautensach & Daveau, 1989: 754) refere-se que «são os charnecos ou cortelhões das pobres terras de xisto do ocidente que ajudam a tirada da cortiça e a apanha da azeitona nos planaltos graníticos do Campo e da Raia. Aqui lhes puseram estas alcunhas desprezíveis, que lembram os matagais das suas serras ou as pobres casas de pedra solta, simples como “cortelhos” de porcos que lhes servem de abrigo».

Os plingacheiros ou pingacheiros, gentes do concelho de Ródão, tinham-se como mais cosmopolitas, mais cuidadosos na apresentação e na higiene e mais bem cheirosos [pinga cheiro].

[In Açaфа nº4 - Associação de Estudos do Alto Tejo]



_ Azenha e Açude da Várzea das Pedras _ Ribeira da Sarzedinha

> Barqueiro

Até à construção da ponte sob o Ocreza, a meio deste percurso, a ligação entre as duas margens, durante o Inverno, era realizada por um barqueiro que transportava pessoas, mercadorias e animais. Segundo a tradição oral, o preço da viagem de regresso era mais do dobro da viagem de ida.